CRIANÇAS AUTISTAS: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS A FAVOR DA INCLUSÃO ESCOLAR[1]

Katiane do Espirito Santo Rodrigues[2]
Michelle Flávia Rodrigues do Santos

RESUMO

A educação especial no Brasil possui uma trajetória consideravelmente significativa em termos de surgimento, porém ainda na atualidade percebe-se que existem muitas resistências e despreparo de profissionais em relação ao ensino de crianças autistas. Este artigo tem como objetivo apresentar procedimentos metodológicos para a inclusão de crianças autistas no ambiente escolar. Utilizou-se uma pesquisa bibliográfica através de livros, artigos científicos, manuais, revistas e *sites* especializados com o propósito de relatar uma realidade, que nos dias atuais, vem se apresentando de forma ativa nos ambientes escolares. É necessário um suporte pedagógico que subsidie práticas a profissionais, ajudando-os a atuar nas dificuldades que o universo autista apresenta na vida escolar e familiar.

Palavras-chave: Crianças Autistas. Procedimentos Metodológicos. Inclusão.

[1] Trabalho de Conclusão de Curso orientado pela Profa. Msc. Rita de Cássia Dias Leal.
[2] Acadêmicas concludentes do curso de Pedagogia da Faculdade São Luís de França.

1 INTRODUÇÃO

O interesse pelo Autismo Infantil tem sido crescente no Brasil, uma prova disso é o grande número de congressos, encontros e grupos de estudos que têm se dedicado a este assunto. Apesar de todas as dúvidas que cercam esta síndrome, cabe, neste momento, abordarmos conhecimentos fundamentais sobre suas características e procedimentos metodológicos utilizados em sala de aula.

Conforme Mello (2005), o autismo é definido por certas alterações presentes na comunicação, na socialização e no comportamento. O isolamento é uma das características mais marcantes do autismo, a criança nasce aparentemente normal, e o distúrbio pode ser identificado quando não reage a estímulos.

A inclusão de crianças autistas ainda é uma realidade interpretada como um problema nas instituições, portanto, faz-se necessário um estudo mais específico do caso para esclarecer a real necessidade de mudança, para que isso ocorra com sucesso é necessária a participação da escola, da família e especialistas que fazem parte do processo de desenvolvimento.

Neste sentido, o artigo nasceu da necessidade que as autoras sentiram a partir da convivência e atuação como educadoras de crianças autistas, precisando de procedimentos metodológicos de ensino que dessem um suporte pedagógico mais adequado e favorecessem significativamente a aprendizagem dessas crianças.

Para efeito desta pesquisa, foi desenvolvida uma análise bibliográfica de caráter exploratório, a partir de livros, revistas, artigos científicos e sites especializados, sendo feita a abordagem qualitativa, tendo como base autores renomado no desvendar da complexidade que o objeto apresenta para acadêmicos, pedagogos e demais especialistas, não deixando de lado os mais interessados nesse desenvolvimento, os pais.

A atuação dos educadores é fundamental na aprendizagem da criança autista, uma vez que, em muitos casos de autismo, foi o professor, no ambiente escolar, que percebeu os sintomas e alertou os familiares para procurarem um especialista, porém o que ocorre, na maioria das vezes, é a resistência dos familiares em relação aos comportamentos diferenciados das crianças, tendo medo e despreparo para aceitar e enfrentar os problemas acarretados desta síndrome.

2 AUTISMO NA ESCOLA

O autismo na escola é uma realidade presente cada vez mais encarada por profissionais, sendo necessário conhecer as diversidades que esta especialidade apresenta.

> [...] entre os múltiplos aspectos para implantação de uma escola inclusiva, um se refere a metodologias de ensino. Este trabalho focaliza jogos (atividades lúdicas) como uma proposta metodológica de ensino de conceitos relevantes para a vida cotidiana, e mostra uma experiência de pesquisa realizada por a Aguiar (2002) que usou essa metodologia na prática educacional de um espaço escolar (AGUIR, 2004, p. 18).

Deve-se levar em consideração a existência de metodologias de ensino apropriadas ao funcionamento de uma escola inclusiva, porque é através delas que o professor consegue suporte para inserir a criança autista em um contexto social e obter resultados satisfatórios no seu processo de ensino/aprendizagem.

O autismo é uma síndrome que altera o desenvolvimento da criança que é descoberta, muitas vezes, logo nos primeiros anos de vida e dentro do ambiente escolar essa especialidade demanda um preparo especializado para lidar com as dificuldades presentes na rotina escolar.

> Esta problemática aponta pela literatura especializada como uma desordem neurobiológica do desenvolvimento, ao caracterizar-se por dificuldades em várias áreas nomeadamente: comunicação, interação social, funcionamento cognitivo, processamento sensorial e comportamento, requerem um trabalho de interação sistemático e especializado (PEREIRA, 2007, p.3).

Considera-se que o autismo é definido como um problema que atua no desenvolvimento do indivíduo, apresentando-se como uma interferência intensa nos variados aspectos de desenvolvimento, principalmente na comunicação, na interação social e na capacidade cognitiva do indivíduo, sendo necessário, desde a sua descoberta estudos voltado para desvendas as características do Distúrbio Autístico.

Mello (2005) ressalta que, em 1943, foi descrito pela primeira vez um artigo com o título Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo, pelo Dr. Leo Kanner (médico austríaco, residente em Baltimore, nos EUA) que descreve a partir de experimentos os comportamentos das crianças autistas, dando destaque às características do grupo.

Sendo assim, para descobrir se uma criança é autista ou não, faz-se necessário uma observação de especialista e isso só será possível através do estudo das principais características apresentadas pela criança, eo diagnóstico precoce é muito importante para poder iniciar a intervenção educacional especializada o mais rápido possível.

Com base em Mello (2005), a característica do autismo apresenta-se em uma tríade de dificuldades:

- Dificuldade de comunicação - caracterizada pela dificuldade em utilizar com sentido todos os aspectos da comunicação verbal e não verbal;
- Dificuldade de socialização - este é o ponto crucial no autismo, e o mais fácil de gerar falsas interpretações; dificuldade em relacionar-se com os outros, ou seja, a incapacidade de compartilhar sentimentos.
- Dificuldade no uso da imaginação - caracteriza-se por rigidez e inflexibilidade e estende-se às várias áreas do pensamento, da linguagem e do comportamento da criança.

Percebe-se, então, que o autismo é um fenômeno que altera significativamente o desenvolvimento da criança, entre eles, a comunicação, a socialização, o comportamento, a linguagem, o emocional e o afetivo, sendo que dentro desse universo cada um apresenta sua própria característica.

Nogueira (2007, p.76) afirma que as pessoas com autismo apresentam as seguintes características: “[...] dificuldade de comunicação e interação social. Elas são agitadas. Têm horror de fugir à rotina. Não conseguem olhar nos olhos de outras pessoas. Começam a falar tarde, quando falam”.

A partir das características expostas pelos autores, pode-se identificar o autismo como um distúrbio do ritmo de desaparecimento de habilidades físicas, sociais e linguísticas que prejudicam o desenvolvimento da criança e seu relacionamento com outras pessoas.

De acordo com Bibiano (2011), gestores preocupados com a questão da inclusão buscam recursos e pessoal de apoio para melhorar as condições de trabalho dos professores, de forma a atuar em parceria com Atendimento Educacional Especializado (AEE), além dos diferentes recursos tecnológicos que contribuem para o desempenho dos alunos na aprendizagem.

Nessa perspectiva, a escola deve procurar adequar sua infraestrutura, recursos e preparar seus profissionais, buscando soluções conjuntas com os demais especialistas e familiares, proporcionando também aos seus funcionários uma formação continuada para a efetivação de um currículo específico para crianças autistas.

> Quanto mais cedo a criança com TGD (Transtorno Global de Desenvolvimento) puder antecipar o que acontece diariamente na escola, mais familiar e possível de ser reconhecida se tornará para ela a vivência escolar, tornando as primeiras manifestações da criança progressivamente menos freqüentes (BELISÁRIO, 2010, p.23).

A criança autista que é inserida mais cedo no ambiente escolar começa a se adaptar mais cedo com o convívio social e apresenta uma melhoria no seu desenvolvimento, deixando ou reduzindo progressivamente algumas características peculiares a ela.

Em relação à inclusão de crianças autistas nas escolas regulares de ensino é válido relatar que:

> No âmbito educacional, a influência dos modelos explicativos sobre o autismo, ao longo da história, determinou as primeiras iniciativas de intervenção no ensino que, entretanto, foram muito específicas e distanciadas daquelas desenvolvidas no meio social inerente à escola como a conhecemos hoje (BELISÁRIO, 2010, p.08).

Diante das intervenções que são necessárias ao processo de ensino, que é inerente à escola, é notável que professores enfrentam muitos desafios em relação ao universo autista, vivenciando e tendo que adaptar suas práticas em uma sala da aula com essa especialidade.

> Considerar crianças portadoras de autismo elegíveis para a escola é considerar que são capazes de aprender, desenvolverem-se, relacionarem-se com os demais, enfim, viver o dia a dia da escola. O desafio está para além de mantê-las nas salas de aula: ele reside em mantê-las com qualidade de trabalho realizado. (SUPLINO, 2005, p.16)

O educador apesar de enfrentar muitas dificuldades com o processo de adaptação e ensino dos autistas deve sempre está atento aos sinais que a criança apresenta para tornar suas práticas significativas, aumentando assim a qualidade de aprendizagem da criança e a rotina é essencial para iniciar esse processo.

> O cotidiano escolar possui rituais que se repetem diariamente. A organização da entrada dos alunos, do deslocamento dos diversos espaços, das rotinas em sala de aula, do recreio, da organização da turma para oferta da merenda, das aulas em espaços diferenciados na escola, da saída ao final das aulas e outros são exemplos de rituais que se repetem e que favorecem a apropriação da experiência escolar parta a criança com TGD (BELISÁRIO, 2010, p.23).

A organização e a rotina do ambiente são indispensáveis ao processo de desenvolvimento e aprendizagem do autista, pois esses procedimentos irão estruturar suas funções emocionais e cognitivas dando abertura para inserir outros procedimentos de intervenções.

Com base em Camargos (2002), as intervenções pedagógicas devem transcender técnicas e estratégias pedagógicas, criando oportunidades para valorização da criança em sua condição humana e formação de vínculos devendo a educação explorar suas peculiaridades e potencialidades.

Sendo assim, as intervenções são indispensáveis ao processo de escolarização da criança autista no ambiente educacional, fazendo-se necessários procedimentos metodológicos específicos para nortear profissionais pedagogos no desenvolvimento de autistas.

3 CURRÍCULO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA O DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS AUTISTAS

Baseado em Suplino (2005), no início da década de setenta, alguns pesquisadores da universidade de Kansas começaram a estudar algum tipo de currículo no qual se pudesse trabalhar a independência e a criatividade de crianças autistas com quatro ou cinco anos, ainda aborda o currículo funcional natural como uma proposta metodológica denominada como funcional no sentido de que as habilidades (objetivos) que são ensinados devem ter uma função para a vida do autista e natural, pois se direciona a forma como está relacionado ao ato de ensinar, as situações de ensino e a lógica na execução das atividades.

Suplino (2005, p.33), com base em LeBlanc, afirma que: “[...] um currículo assim desenhado poderia ser considerado e denominado Currículo Funcional por

desenvolver habilidades funcionais (que tem função, são úteis) para o indivíduo em seu âmbito.”

Pode-se entender que o currículo funcional tem a finalidade de atribuir ao autista o desenvolvimento de suas habilidades a partir de uma adaptação das atividades tanto de funções úteis no seu cotidiano quanto de atividades acadêmicas.

Suplino (2005) enfatiza, ainda, que um currículo desenhado para trabalhar com uma pessoa portadora de necessidade especial deveria saber o que ensinar, para que ensinar e como ensinar sendo que, o currículo também deveria ser funcional, natural, divertido e proposto para ter o menor número de erros possíveis. “Habilidades funcionais seriam, portanto, todas as habilidades necessárias para viver a vida de uma forma exitosa. Incluem-se neste conjunto desde as habilidades mais básicas até as acadêmicas, como ler e escrever.” (SUPLINO, 2005, p. 35)

As habilidades funcionais são necessárias para que as crianças com necessidades especiais consigam desenvolver além de habilidades nas atividades de vida diária, a escrita, a fala, a leitura e principalmente a socialização, pois é através desses pontos que o educador pode fazer um bom trabalho com o educando no ambiente escolar; e a família em casa, deve dar continuidade ao trabalho exercido na escola em casa.

Para Camargos (2002) devem existem intervenções pedagógicas dentro da escola e essas intervenções apresentam-se através de um estudo que abrange a análise do diagnóstico e dos relatórios psiquiátricos, psicológico, neurológico, pedagógico e social, após o estudo das peculiaridades da criança, primeiro passo para essa intervenção é tentar direcionar sua atenção, e assim apresenta algumas estratégias que podem ser utilizadas:

- Intervir no sentido de interromper o alheamento e os comportamentos estereotipados;
- Estimular as percepções sensoriais;
- Procurar despertar interesse para seu próprio corpo;
- Provocar a focalização do olhar;
- Aprofundar interações;
- Proporcionar sucesso no crescimento gradativo;
- Favorecer o desenvolvimento do autocontrole.

Esses procedimentos poderão auxiliar o educador em começar e intervir nos aspectos comportamentais da criança e assim poder inserir a partir das respostas apresentadas por ela uma prática específica, condizente com as suas peculiaridades.

Camargos (2002) baseado em Redl e Wineman relata que algumas técnicas para intervenções são importantes e precisam ser analisadas:

1. Indiferença planejada - Avaliar o comportamento de superfície e limitar a interferência às coisas em que seja realmente necessária para impedir que o comportamento indesejado da criança surja para chamar atenção;
2. Interferência sinalizadora - Às vezes as crianças agem de forma inadequada pelo seu ego, então, bastará uma sinalização da parte do professor para que a mesma retorne para si. Porém, este método não funciona quando o adulto está sem crédito com a criança ou nos casos patológicos graves;
3. Proximidade e controle pelo toque - A proximidade de uma pessoa calma e segura pode tranquilizar a criança. O toque de um amigo significa para ela, que está segura com aquela pessoa;
4. Participar numa relação de interesse - Demonstrar constante interesse pela atividade que a criança realiza é um grande estímulo;
5. Afeição hipodérmica - Para manter o controle frente a uma ansiedade, às vezes basta uma súbita quantidade de afeto;
6. Descontaminação da tensão por meio do humor - O bom humor neutralizará sentimentos de culpa e medo, aliviará tensões e abrirá possibilidades de interação entre a criança e os profissionais;
7. Ajuda nos obstáculos - Esse método só funciona para frustrações provenientes de um bloqueio ou impasse na solução do problema;
8. Reagrupamento - As crianças às vezes apresentam comportamentos desencadeados pelo próprio psicológico, e o reagrupamento serve para inserir a criança num grupo maior do que ela está acostumada;
9. Reestruturação - Pode acontecer de haver perda de interesse pela atividade em desenvolvimento ou cansaço pela concentração que ela requer, então, usa-se a reestruturação da atividade por uma substituição mais facilmente equilibrável retomando assim, a atenção da criança;
10. Adequação de espaços e de instrumentos - Os espaços e instrumentos devem ser adaptados ao aluno como ambiente e objetos apresentados nele;

11. Remoção anti-séptica - É uma medida de emergência utilizada quando o comportamento da criança descontrolada atinge uma intensidade que não consegue controlar, o professor permanecerá na sala, com as atividades do grupo e outra pessoa recebe e maneja o comportamento no sentido de acalmá-la;
12. Contenção física - Em muitos casos é necessária a contenção física da criança, evitando futuros problemas com a agressividade, procurando acomodá-la até que se acalme;
13. Permissão e proibição autoritária - É importante que o professor saiba os momentos de permitir ou interferir certos comportamentos, para tanto é necessário saber posicionar-se diante de algumas situações;
14. Promessas e recompensas - É necessário que a criança seja capaz de estabelecer relação entre uma recompensa futura e seus atos;
15. Atividades lúdicas - Andar, pular, balançar-se, nadar e brincar na água são atividades que proporcionam muito prazer a criança autista.

Diante disso, percebemos que as práticas pedagógicas são indispensáveis na aprendizagem e devem estar vinculadas às técnicas e intervenções adequadas a cada criança autista, possibilitando oportunidades para que as atividades propostas pelos profissionais sejam bem significativas.

Além das técnicas de intervenções existem outros procedimentos que também estão voltados para trabalhar com crianças autistas. Mello (2005) aborda três tipos de métodos que são utilizados para aprendizagem: O método TEACCH (Tratamento e educação para crianças autistas e com distúrbios correlatos da comunicação); o método ABA (Análise aplicada do comportamento) e o método PECS (Sistema de Comunicação através da troca de figuras):

> O método TEACCH se baseia na organização do ambiente físico através de rotinas organizadas em quadros, painéis ou agendas e sistemas de trabalho, de forma a adaptar o ambiente para tornar mais fácil para a criança compreendê-lo, assim como compreender o que se espera dela. Através da organização do ambiente e das tarefas da criança, o TEACCH visa desenvolver a independência da criança de modo que ela necessite do professor para o aprendizado, mas que possa também passar grande parte de seu tempo ocupando-se de forma independente (MELLO, 2005, p.28).

Sendo assim, o método TEACCH acaba sendo uma forma indispensável de trabalhar de maneira reservada as dificuldades de cada criança, onde o educador

tem livre arbítrio para intervir através de um ambiente planejado e organizado, com rotinas e jogos adaptados ao nível cognitivo e motor do aluno.

> O tratamento comportamental analítico do autismo visa ensinar à criança habilidades que ela não possui, através da introdução destas habilidades por etapas. Cada habilidade é ensinada, em geral, em esquema individual, inicialmente apresentando-a associada a uma indicação ou instrução.
> Quando necessário, é oferecido algum apoio como por exemplo, apoio físico), que deverá ser retirado tão logo seja possível, para não tornar a criança dependente dele. A resposta adequada da criança tem como consequência a ocorrência de algo agradável para ela, o que na prática é uma recompensa. Quando a recompensa é utilizada de forma consistente, a criança tende a repetir a mesma resposta. (MELLO, 2005, p. 27)

O método ABA é trabalhado individualmente onde a criança é estimulada a repetir tarefas solicitadas pelo educado, e quando ela consegue repeti-la, automaticamente recebe uma recompensa, essa atividade tem como objetivo tornar a aprendizagem agradável e fazer com que a criança reproduza os comandos de forma condicionada.

> O primeiro ponto importante é tornar o aprendizado agradável para a criança. O segundo ponto é ensinar a criança a identificar os diferentes estímulos. Respostas problemáticas, como negativas ou birras, não são, propositalmente, reforçadas. Em vez disso, os dados e fatos registrados são analisados em profundidade, com o objetivo de detectar quais são os eventos que funcionam como reforço ou recompensa para os comportamentos negativos, desencadeando-os. A criança é levada a trabalhar de forma positiva, para que não ocorram os comportamentos indesejados. A repetição é um ponto importante neste tipo de abordagem, assim como o registro exaustivo de todas as tentativas e seus resultados. (MELLO, 2005, p. 29)

Deve proporcionar a criança uma aprendizagem agradável através de diferentes estímulos e sendo trabalhado positivamente para que não acarrete em comportamentos indesejados; e a repetição é essencial tanto na atividade quanto no registro delas para análise dos efeitos provocados.

> O PECS foi desenvolvido para ajudar crianças e adultos autistas e com outros distúrbios de desenvolvimento a adquirir habilidades de comunicação. O sistema é utilizado primeiramente com indivíduos que não se comunicam ou que possuem comunicação, mas a utilizam com baixa eficiência. O nome PECS significa “sistema de comunicação através da troca de figuras”, e sua implementação consiste, basicamente, na aplicação de uma sequência de seis passos. (MELLO, 2005, p.31)

Esse sistema que visa manter uma comunicação através da troca de figuras de forma sequenciada, inicialmente é utilizado com autistas que não falam e também com aqueles que falam para desenvolver sua oralidade.

> O PECS visa ajudar a criança aperceber que através da comunicação ela pode conseguir muito mais rapidamente as coisas que deseja, estimulando-a assim a comunicar-se, e muito provavelmente a diminuir drasticamente problemas de conduta.
> Tem sido bem aceito em vários lugares do mundo, pois não demanda materiais complexos ou caros, é relativamente fácil de aprender, pode ser aplicado em qualquer lugar e quando bem aplicado apresenta resultados inquestionáveis na comunicação através de cartões em crianças que não falam, e na comunicação da linguagem verbal em crianças que falam, mas que precisam organizar esta linguagem. (MELLO, 2005, p. 31)

A criança que não fala vai percebendo que a partir da figura ela pode pedir algo que deseja e assim irá sentindo a necessidade de se comunicar cada vez mais, e aquelas que já possuem uma linguagem, irão organizar suas ideias e ter mais segurança, consequentemente irão diminuir problemas de conduta, pois a criança terá uma forma de se fazer entender e de desenvolver mais sua linguagem.

O professor deve ensinar a criança a aprender e para isso é preciso planejar de forma individual de acordo com a necessidade de cada um, tendo como foco principal a compreensão do aluno e um envolvimento mais significativo nas relações sociais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A docência é uma realidade bastante desafiadora que é constituída constantemente por diferentes especialidades no ambiente escolar, nesse viés, percebe-se o autismo integrante desse universo é tão cheio de mistérios que nem mesmo os mais conhecedores têm total propriedade sobre essas peculiaridades. Porém o educador depara-se com essa realidade e tenta torná-la produtiva e para que isso ocorra é necessário apropriar-se de ferramentas que subsidiem essas práticas pedagógicas.

O estudo foi extraordinariamente produtivo e muito pertinente para a vida de profissionais pedagogos, pois, nos dias atuais, essa é uma realidade que não dá mais para ser deixada de lado; sendo necessário que novas reflexões e ações sejam modificadas para realização de uma prática mais condizente com a necessidade do autista, transformando significativamente comportamentos e habilidades nas áreas de desenvolvimento.

Recomendamos aos leitores uma significativa descoberta e sugerimos maiores aprofundamentos no que se diz respeito ao autismo, pois os estudos nesta área são de suma relevância para que possamos cada vez mais aperfeiçoar nossos conhecimentos em relação à educação inclusiva, que ainda é uma área tão carente de profissionais realmente dedicados.

5 REFERÊNCIAS

AGUIAR, João Serapiano. **Educação inclusiva:** jogos para o ensino de conceitos. São Paulo: Papirus, 2004.

BELISÁRIO FILHO, José Ferreira. **A educação da perspectiva da inclusão escolar: transtornos globais de desenvolvimento**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial; Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010.

BIBIANO, Bianca. Inclusão. **Revista Nova Escola**, Rio de Janeiro, n. 244, p. 48-55, abr.2011.

CAMARGOS JR, Walter. **Transtornos invasivos do desenvolvimento**: 3º milênio. Brasília: AMES, ABRA, 2002.

MELLO, Ana Maria S de. **Autismo:** guia prático. 3. ed. São Paulo: AMA, 2004.

PEREIRA, Cecília Berta Fernandes. **Autismo diferentes mundos**. São Paulo: Periodicidade trimestral. N. 15, p. 3-22, jan. 2007.

NOGUEIRA, Tânia**.** Um novo olhar sobre o autismo. **Revista Época**. São Paulo: Globo. n. 473, p.76-85, 11 jun. 2007.

SUPLINO, Maryse. **Currículo funcional natural**: guia prático para a educação na área do autismo e deficiência mental. Maceió: Assista, 2005.

VEROTTI, Daniela Talamoni; CALLEGARA, Jeanne. A inclusão que ensina. **Revista Nova Escola.** Disponível em: <http://revistaesola.abril.com.br;inclusao/inclusao-no-brasil>. Acesso em: 31 Jan. 2011.